

# **ENEIDA: PAISAGENS GEOGRÁFICAS E EMOCIONAIS**

Maria Célia Jacob

Não há em nosso chamado mundo interior qualquer conteúdo, nem conhecimentos, nem emoções, nem intuições, nem certezas, nada ali que não tenha nascido da comunhão entre corpo e mundo. " O corpo é o berço de todas as nossas significações " ( GUSDORF, 1960: 72 ).

As estimulações são o " pão do nosso mundo pessoal " e a forma de reagir a elas e elaborar respostas vêm das profundezas do mistério humano e da sabedoria de saber contemplar e apreender paisagens. Esse quinhão de enigma e perplexidade que dinamiza a vida é bem temperado por Eneida de Moraes que, ao manter alerta os seus sentidos, vive de paisagens. Das geográficas e das emocionais.

É tão verdadeiro o que esta cronista da Amazônia, com olhar poroso e coração aberto, apreendeu dos rios, das amazônicas folhagens, das chuvas e dos igarapés e igapós, quanto é o enriquecimento ganho a cada momento e a cada hora com as paisagens emocionais que seus semelhantes lhe oferecem ou ajudam a descobrir no fundo de si mesma ( quando são tantas as dificuldades que encontramos, muitas vezes, de ver a nós mesmos... ):

*" Espantados e felizes ficavam meus ouvidos  
recebendo tudo aquilo tão necessário à minha vida, eu  
que tanto aprendera com meu pai a amar aquela terra,  
o rio, a gente. Que importa os 1.150.000 Km, se o  
Estado cábia inteiro no meu coração... "*

O outro mostra-lhe um mundo de paisagens geográficas através do código cultural - a voz do saber, código dos saberes humanos, da cultura - transmitido pela escola, pelos livros, pela vida comunitária. Ela, num processo de re-criação, mesclada com paisagens emocionais, percebidas e refletidas no seu texto com as mais diversas matizes:

*" A professora chamava-se D<sup>a</sup>. Hilda e ensinava  
que o mais importante rio que banha o*

*Pará é o Amazonas, nascendo no Peru, mas vindo viver e amar terras brasileiras. Como eu gostava dessas lições..."*

O amor concebido por Eneida estende-se a todas as coisas e pessoas, prolonga-se na sua fala e nos parágrafos geralmente longos e de aspecto memorialista, preso às coisas do passado, em especial à Belém, à sua gente e à sua grande "amazonice". Usando freqüentemente o código da comunicação que, segundo sugere Roland Barthes, é o que se refere a todo o relacionamento estabelecido pelo texto entre narrador / narratário; ficção / realidade, com a presença na narrativa de locais, acontecimentos e personagens da vida real:

*" No meu tempo, a grande casa assobradada era azul; sei que era azul, pois essa cor está gravada em todas as minhas recordações. Andou em pedaços marcados de céus, nas manhãs claríssimas de Belém, vestidinhos curtos, em fitas nos cabelos. Azul, muito azul, sempre. "*

Ainda assim, ela reage:

*" Fatos, personagens, histórias contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças mais profundas, ocorrências gravadas na memória. Geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais. Este é um livro banal. "*

Sem banalidade, a cronista Eneida pretende-se não o repórter da crônica jornalística fria e objetiva, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhando do acontecimento sua porção imanente da fantasia. Como crônica literária, seu fazer oscila, assim, entre a poesia e o conto.

Enquanto " poesia ", sua crônica explora a temática do " eu ". Resulta do " eu " ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético. É aqui que, também, a crônica de Eneida irrompe o símile com o poema. Uma poesia do cotidiano, parente da poesia de circunstância já que se estabelece a fortuita afinidade entre os acontecimentos e o seu mundo íntimo. É o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade da escritora espera do chamado para vir superfície, decorrência do clima poético que frui de sua prosa, de sua narrativa cheia de poeticidade:

*" Só o mar, o rio, o grande rio, aqui azul, ali verde, mais distante negro, barrento além, límpido mais adiante, interessava sua curiosidade, dava-lhe o desejo de viver e ser gente. Ser gente não era andar na terra: ser gente era andar no mar. "*

Mas a crônica, enquanto espécie literária, é por natureza uma estrutura limitada, breve, não apenas exteriormente e sim, acima de tudo, interiormente, diferente do conto. Eneida, porém, não se deixa intimidar pelo que deveria ser um texto breve, na sua " cronicidade ". " A brevidade de crônica " - diz Massoud Moisés - " tem em Eneida uma exceção, já que seu texto se distende por várias laudas ". E, ainda que pese, contudo, essa limitação, e sem querer ser conto, o relato do cotidiano de fundo poético, se prolonga e se instaura na crônica de Eneida em consequência de um processo que se diria fundado na aproximação dos contrários: a relação íntima entre o motivo simples, singelo, que surge do cotidiano metamorfoseado em saudade e um " eu " que se descobre sensível a lembranças oniricamente desenterradas e expressas como no próprio ato de sonhar. É a poesia morando no interior do relato do acontecimento diário e / ou na sensibilidade da cronista. É o cotidiano dialogando com o pensamento:

*" Passet quinze anos sem ver Belém. Quando o cansaço tomava conta de mim, eu fechava os olhos e viajava a minha cidade, tal como era no tempo de meu pai... "*

*" Por que sou capaz de lembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha infância; nada preciso para recompor hoje - tantos anos depois - gestos, palavras, comportamentos. "*

Esse retorno ( o mito do eterno retorno ), que se dá desde ela própria, de seus momentos, de sua cidade, é o álbum de retratos de uma mulher sôfrega no escrever e no viver. Mulher que, s múltiplas escolhas que a vida lhe oferece, não se recusa. Sem medo ou constrangimento.

*" Considero-me uma mulher profundamente feliz; sei que o sou porque cedo tomei posse do meu destino e pela estrada escolhida caminho sem desfalecimentos... "*

Acreditando na permanência do desejo de contar e ouvir estórias, Eneida multiplica-se, sutil, diáfana, como leitora e relatora comovida de sua cidade, de sua gente, de seus mitos, cheiros, credices; expressando em palavras seus sentimentos, sua relação afetiva com Belém, o rio Amazonas e o mundo, carregando consigo uma vida, um corpo cheio de significações e que só sabe morrer de paixão:

*" Meu coração já mandou um aviso que é o enfarte. Do coração não quero morrer, simplesmente porque espero morrer como tenho vivido: conscientemente. Não penso na frase que devo*

*pronunciar antes de morrer ou morrendo. Sei apenas que ela deve ser bem incisiva. Se pudesse, gostaria de morrer em Belém do Pará, a minha mui amada cidade. Servisse meu corpo para dar seiva s mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras. Mas estou viva e o importante é viver um pouco mais. É o que ora faço. "*

E, enquanto ela age sobre o mundo, o mundo reage nela. Os dois travam profundas e amorosas relações. Mundo e corpo, com seus riscos a correr e fios a trançar, num tear misterioso e polivalente.

A crônica de Encida é esta conjunção de experiências entretecidas. Carinhosamente tecida de geografias e emoções. Como num caso de amor, quando é para valer. Quando é verdadeiro. Apesar do tempo e da distância.

*" Que importa os limites do Estado do Pará se para mim, ao norte, sul, leste, oeste, ele é todo limitado pelo meu grande amor? "*

---

Maria Célia Jacob - professora de Teoria da Literatura e Literatura Infãnto-Juvenil. Coordenadora do Curso de Letras da UNAMA.